

MOVIMENTOS SOCIAIS E TIC'S: UM CAMINHO USADO PELO MOVIMENTO NEGRO DO BRASIL

Antônio Flávio dos Santos Mendes¹

Daniel da Silva Oliveira²

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa e tem como objetivo trazer uma reflexão acerca da evolução dos movimentos sociais ao longo do tempo e dos usos das tecnologias de informação e comunicação pelos movimentos sociais na contemporaneidade, com destaque ao movimento negro, na luta pela construção e visibilidade de políticas públicas, ligadas a afirmação da cidadania de afrodescendentes. A partir de pesquisa bibliográfica e análise da utilização dessas tecnologias pretendemos identificar as possibilidades e desafios que o uso das TICs apresentam para o desenvolvimento de uma formação política para os afro-brasileiros.

Palavras-chave: movimentos sociais; tecnologias de informação e comunicação; movimento negro.

INTRODUÇÃO

O século XXI é caracterizado por avanços tecnológicos. Entre os diversos avanços obtidos temos o desenvolvimento de meios eficazes de comunicação, sendo as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs é um deles. As TIC's são utilizadas em inúmeros contextos, em ambientes corporativos, educacionais, como forma de entretenimento, entre outros. Isso resulta em uma diversidade de instrumentos tecnológicos, com variados tipos de utilidades.

Na contemporaneidade devido ao alcance e facilidade do uso e acesso as TICs, o seu uso e acesso não permaneceu restrito ao meio particular individualista, mas foi ampliado e são utilizados por diversos grupos da sociedade civil, os movimentos sociais são um deles. Eles usam as Tecnologias da Informação e Comunicação, como um meio de apresentar a sua luta por igualdade e representatividade mediante a sua causa social. A exemplo temos o Movimento Negro do Brasil, o qual iremos nos deter no decorrer do presente artigo.

¹ Universidade de Pernambuco/UPE. E-mail :antonio.flaviomendes@upe.br.

² Universidade de Pernambuco/UPE . E-mail: daniel.soliveira@upe.br.

Desde os primórdios das civilizações o ser humano em suas diversas formas de organizações, buscou por melhores formas de viver em sociedade. Desse modo, a dicotomia social, entre mais favorecidos e menos favorecidos, permeou todo o avanço da nossa sociedade. Consistindo em algo não apenas da nossa época, a contemporaneidade, mas desde as antigas civilizações.

Desse modo, torna-se eficaz para compreensão de movimento social e de toda a sua complexidade que permeia a contemporaneidade hoje, aludir sobre a sua história nas principais civilizações. Utilizamos isso por entender que o alicerce dos movimentos sociais que temos hoje, foram estabelecidos no decorrer do desenvolvimento da nossa sociedade.

Portanto, o presente artigo busca trazer uma reflexão acerca da evolução dos movimentos sociais ao longo do tempo e dos usos das tecnologias de informação e comunicação pelo movimento negro. Apresentamos um diálogo sobre os primórdios dos movimentos sociais no mundo, expondo desde uma origem no período da antiguidade nas antigas civilizações, passando na modernidade e por fim na contemporaneidade. É oportuno apontar que essa produção não busca relatar de forma detalhada os movimentos sociais no desenvolvimento da sociedade, e o movimento negro no Brasil. O nosso intuito é apresentar caminhos norteadores para debates e produções desses temas. Logo, temos como objetivo geral, analisar a influência das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) em movimentos sociais contemporâneos. Como objetivos específicos temos: apresentar uma síntese do percurso histórico dos movimentos sociais em diferentes períodos de históricos, investigar quais tecnologias da informação e comunicação são utilizadas pelo movimento negro do Brasil. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica (SEVERINO, 2017), e autores como; (GONH, 1997), (BEER, 2007), (CASTELLS, 2003), (LADEVÉZE, 2017) entre outros.

PERCURSO DO MOVIMENTO SOCIAL: NO MUNDO E NO BRASIL

*“Sem poder esmagar a iniquidade
Que tem na boca sempre a liberdade,
Nada no coração;
Que ri da dor cruel de mil escravos,[...]”*

Castro Alves

Os Escravos

O escritor brasileiro Castro Alves³ em seu livro *Os Escravos* relata de uma forma poética e sensível sobre a escravidão e racismo. Em seus versos, há um clamor pela liberdade e vida digna, pelo fim da desigualdade em favor de uma igualdade para todos. Os versos de Castro Alves tornaram-se atemporais, pois mesmo sendo escritos no final do século XIX apontam temas que são vividos e lutam hoje em pleno século XXI, e que são motivos de luta de Movimentos Sociais na então contemporaneidade. Ainda vivemos em conjunturas sociais desiguais, justificadas politicamente pela falácia de um discurso meritocrata, opressor e excludente. O que torna necessário a atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade buscando obter uma igualdade mediante a desigualdade posta.

É oportuno citar que estudar e conceituar os movimentos sociais na contemporaneidade é uma tarefa complexa e delicada, visto que, há uma amplitude de posições teóricas e ideológicas que permeiam esses estudos. Em nosso trabalho compreendemos o movimento social como um cinesia que emana do povo a fim de lutar contra quaisquer tipos de desigualdades. Nessa perspectiva, a autora Maria da Glória Gonh (1997) contribui para a nossa conceituação ao afirmar os movimentos sociais como ações coletivas sociais, que possuem características sócio culturais e sócio políticas. Essas características sócio culturais/políticas refletem os movimentos sociais a qual conhecemos hoje, como um resultado de um processo

³ Antônio Frederico de Castro Alves, conhecido mundialmente por Castro Alves foi um escritor e poeta brasileiro que viveu entre os anos de 1847 e 1871. Ele representava a terceira geração do romantismo brasileiro, ele ficou conhecido também como o poeta dos escravos, por sempre representar essa temática em seus escritos.

sócio/histórico. Esse processo sempre é adaptado a demandas que emergem da sociedade vigente, principalmente das classes menos abastadas, na qual o movimento social emerge (GONH, 1997).

Nos primórdios das civilizações não havia a nomenclatura movimento social. Segundo Berr (2007) na Antiguidade⁴, se dava a nomenclatura de lutas sociais, para ações de luta por igualdade nessas civilizações. Tais lutas sociais, segundo o autor, formaram a base contemporânea para o que compreendemos hoje como movimentos sociais.

A exemplo disso, temos o caso da civilização romana e da civilização grega na antiguidade. Em Roma a luta de social foi resultada de um conflito de interesses entre os *patrícios*, que representavam os ideais da nobreza, e os *plebeus*, os quais eram artesões camponeses, e correspondiam os interesses do povo (BERR, 2007). A luta social entre esses dois grupos na Roma Antiga foi reflexo de uma desigualdade social vivida na época. Por meio dessas manifestações, os *plebeus* conseguiram obter a sua representatividade política com a criação do *Tribuno da plebe* (BEER, 2007). A institucionalização dessa política foi uma conquista para os *plebeus*, pois, alguns dos seus interesses como grupo social da civilização romana, com a efetivação do *Tributo da plebe* estavam sendo concretizados na prática. Desse modo, apontamos que :

“Em 133 a.C. o tribuno da plebe por Tibério Graco propôs a Lei de Semprônia, "que limitava o uso ilegal das terras públicas pelos grandes proprietários, cujos fundos agrícolas não deveriam ultrapassar o antigo limite de quinhentas jeiras (125 hectares), com possíveis acréscimos de 250 jeiras por filho" (FUNARI, 2003, p. 58)

O *tribuno da plebe*, como também a *Lei de Semprônia* na Roma Antiga causou muitos movimentos contrários pelos *patrícios* para impedir a sua efetivação. Com o passar dos séculos em Roma a dicotomia entre, os mais favorecidos e os menos favorecidos economicamente seguiu se alastrando. Outro exemplo dos primórdios dos movimentos sociais na antiguidade foi o caso da sociedade da Grécia antiga. Com uma política baseada na autonomia das cidades-

⁴ A antiguidade foi um período entre o fim da era Neolítica por volta de 4.000 a.C., e a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d. O período histórico da antiguidade também pode ser chamado de Idade Antiga.



estados, a Grécia também sofria com a desigualdade social resultante de uma exploração dos mais pobres. Como isso em território grego aconteceu as duas reformas: a de *Drácon* e a de *Solón*. Essas duas reformas foram vividas no período arcaico da sociedade grega entre os anos de 800 a.C e 500 a.C, na cidade-estado de Atenas. Essas reformas permaneceram no campo jurídico, da garantia de representatividade política na democracia grega dos menos favorecidos (BEER, 2007). Observamos até o momento que na Antiguidade as Lutas Sociais, objetivavam uma garantia de direitos e uma representação política. É oportuno citar que nesse período aconteceram outras lutas sociais nas diversas grandes civilizações da Antiguidade, mas foi o nosso objetivo aprofundar todas neste artigo.

Na contemporaneidade⁵ os autores como Hofmann (1984); Gonh (1997) afirmam que o conceito de movimento social sofreu grande influência das ideias iluministas. Isso se deu pois o iluminismo repercutia uma imagem sociedade libertada. Sem os filtros dos certo e errado segundo a fé cristã, mas questionando os ideais de verdade e todos os padrões que eram impostos como certos. Desse modo, na Europa surge uma gama de movimentos sociais, os quais questionavam o padrão eurocêntrico dos quais eram vividos na época. Nessa direção Gonh (1997) afirma que os movimentos sociais no continente europeu dos séculos XVIII e XIX tem uma característica peculiar, que é o caráter revolucionário tanto nas suas práticas como em suas ideologias.

No período da revolução industrial e francesa inicialmente esses movimentos sociais lutavam por melhores condições de trabalho no contexto fabril da época. Eram movimentos de operários, que com o passar dos anos foram adentrando no campo da política e das ideias, com autores que se empenharam em trazer contribuições. Dentre os vários movimentos sociais que ocorreram no início da contemporaneidade iremos citar o Ludismo, Cartismo e sobre a Trade-Unions.

⁵ A contemporaneidade teve início com as duas Revoluções do século XVIII, Revolução Francesa e Revolução Industrial, e vai até os dias de hoje. Alguns autores como HALL (2021), SANTOS (2013) e BAUMAN (1999) entre outros, afirmam que após a queda do muro de Berlin e com o fim da União Soviética obteve o fim da contemporaneidade e deu-se início ao período pós-moderno.

Iniciada entre os anos de 1811 e 1812 o Ludismo foi um Movimento Social Operário que surgiu na Inglaterra. Os Ludistas eram contra o avanço tecnológico na indústria inglesa, essa evolução tecnológica foi vivida durante os anos da revolução industrial, o que resultou em várias demissões, pois houve a substituição do trabalho braçal humano, pelo trabalho mecânico tecnológico. Os integrantes desse movimento social ficaram conhecidos como os destruidores de máquinas, visto que, eles praticavam a invasão de fábricas e indústrias e faziam a destruição de seus maquinários. Coggiola (2010) afirma que esse Movimento Social Operário sofreu uma represália do estado ao afirmar que:

“O movimento de "destruidores de máquinas", que se desenvolveu a partir de meados do século XVIII, com tal força e extensão que levou o Parlamento britânico a sancionar em 1769 uma lei que punia a destruição de fábricas e máquinas com a pena de morte. Muitos trabalhadores foram executados, o que não impediu que o movimento ganhasse enorme amplidão entre 1811 e 1817”(p.11)

O Movimento Ludista sofreu diversas repressões na Inglaterra, por meio do seu poder estatal repressivo. Um dos líderes do movimento Ludista foi, Ned Ludd, ele ficou conhecido pelo ato de destruir uma oficina têxtil o qual trabalhava em Nottingham (COGGIOLA, 2010). Os Ludistas além da sua luta pela não substituição do trabalho humano pela máquina, eles também lutavam por melhores condições de trabalho, visto que os ambientes que eles exerciam o seu labor, eram sujos, abafados, com péssima iluminação. É importante ressaltar que o Ludismo não ficou apenas restrito a Inglaterra, teve movimentos semelhantes em países como : Suíça, Bélgica, Renânia - atual região oeste da Alemanha - e na Silésia – atual região da Polônia e Alemanha.

O outro movimento social dessa época foi o Cartismo - carta do povo - eles também defendiam e lutavam por melhores condições de trabalho, como reduções da jornada de trabalho. O que o diferenciava fortemente do Ludismo, era o fato que eles não visavam e praticavam invasões em fábricas para quebrar os maquinários. Porém, eles difundiram a prática do piquete de greve. Esse piquete é uma espécie de bloqueio do acesso ao local de trabalho, ele é executado pelos trabalhadores grevistas, trazendo consigo cartazes ou banners que identificam o motivo da greve. Esses piquetes tem o objetivo de incentivar mais trabalhadores a aderirem a greve. O Movimento Cartista tinha o objetivo de propor uma representatividade política aos trabalhadores. Coggiola (2010) afirma que ação dos cartistas foi eficiente pois;

“[...] eles conseguiram mudanças efetivas, tais como a primeira lei de proteção ao trabalho infantil (1833), a lei de imprensa (1836), a reforma do Código Penal (1837), a regulamentação do trabalho feminino infantil, a lei de supressão dos direitos sobre os cereais (esta, em aliança com os liberais e a burguesia industrial), a lei permitindo as associações políticas” (p. 21)

Muitas conquistas fizeram parte da história do Movimento Social Cartista, além das que já foram citadas, a mais importante foi a redução da jornada de trabalho para dez horas. Essa redução foi uma grande vitória para esse Movimento Social Operário, até porque nessa época as jornadas de trabalho na maioria das vezes eram entre quatorze horas e dezessete horas diárias. A luta para conseguir essa conquista seguiu por duas décadas e ela só foi possível devido uma aliança entre classe operária e burguesia industrial, as quais foram oposição aos interesses da aristocracia latifundiária, visto que eles eram os que mais faturavam com as altas jornadas de trabalho (COGGIOLA, 2010).

Por fim temos os Trade Unions⁶, que foram associações de trabalhadores, que foram os antecessores do Movimento Sociais Sindicalista em todo o mundo. Os Trade Unions eram contra as ideias econômicas liberais. Esse Movimento Social ao ser contrário ao estado liberal burguês eles defendiam os direitos trabalhistas e eram contrários a exploração vivida pelo modelo capitalista. Com o passar das décadas os Trade Unions deram lugar aos sindicatos de trabalhadores. Inicialmente esses sindicatos viviam na clandestinidade, porém, no ano de 1824 o parlamento da Inglaterra votou pela aprovação da primeira lei que promoveu a criação legal de sindicatos. Desde então, há uma enorme gama de fragmentações de associações e de sindicatos, os quais buscam lutar por uma igualdade e uma institucionalização dos seus direitos (COGGIOLA, 2010).

⁶ No Ludismo, Cartismo e no Trade Unions a teoria que abarcava os Movimentos Sociais no campo das ideias eram as marxistas. Karl Marx, que viveu no período Ludista, se apropriou do discurso que se deve ir contra a cultura burguesa, pois o que proletariado produz a ele pertence. Desse modo surge então uma influência muito grande das ideias de marxistas na constituição da fundamentação teórica dos movimentos sociais. Os Movimentos Sociais do século XXI tem a influência de teóricos marximianos os quais fazem uma nova leitura da teoria marxista, como os teóricos da escola de Frankfurt

Como o desenvolvimento e ampliação da sociedade, o modo de produção capitalista tornou-se hegemônico nos quatro cantos do nosso planeta. A mudança de uma economia agrária para uma economia de mercado foi o motor desse novo modo de ver a sociedade, o que fez surgir o liberalismo clássico.

Na contemporaneidade do século XX surge movimentos sociais vinculados a causas diversas. Nos anos 90 com surgimento do neoliberalismo, fruto de uma reorganização do liberalismo clássico, e também da queda do muro de Berlim que dividia a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental e o fim da URSS, simbolizou o término do conflito da Guerra Fria. Ela representava a polarização: capitalismo e socialismo. Com isso os movimentos sociais expandiram em suas temáticas saindo da questão de terra ou do trabalho e indo as lutas sobre a identidade, raça e questões ambientais (LINS, 2016).

Sendo assim, temos movimentos sociais que buscam o direito de preservação da natureza, movimentos ambientalistas, que questionam o lugar do estado e da iniciativa privada sobre as relações destes com as questões ligadas à natureza. Há Movimentos Sociais identitários, os quais buscam uma luta por direitos de seu grupo identitário nele temos : Movimento LGBTQIA+, Movimento Negro, Movimento Feminista, entre outros.

Buscamos aprofundar os estudos nesse artigo sobre o Movimento Negro no Brasil. Entendemos que o Brasil por ser um país diversificado em sua cultura étnica, possuindo em sua população uma maioria negra, mas que mesmo assim vive frequentemente o racismo e o preconceito com a população negra, achamos relevante estudar o Movimento Negro em nosso país. O Movimento Negro tem sido reinventado em uma contemporaneidade complexa e tecnológica. Sabemos que os Movimentos Sociais hoje é fruto de uma luta pelo fim da desigualdade das classes sociais, Ammann (1991) dessa maneira, aponta seis características que definem Movimento Social hoje;

“Os Movimentos Sociais contestam determinadas relações sociais, no contexto das relações de produção; Os protagonistas podem ser classes sociais, etnias, partidos políticos, regiões etc. Nem todo Movimento Social tem caráter de classe; Nem todo movimento Social luta pelo poder; O objetivo dos Movimentos Sociais pode ser a transformação ou, contrariamente, a preservação de relações sociais dadas, quando as mesmas se encontram ameaçadas”.(p. 22)

O Movimento Negro segundo, Gonh (1997) teve os primórdios do nos Estados Unidos, em denominações da Igreja Batista daquele país na década de 60. Esse movimento queria a garantia dos direitos civis dos negros na sociedade americana. Ele teve como precursores personagens como: Martin Luther King; Malcom X e Rosa Parks (GONH, 1997).

No Brasil o Movimento Negro se configurou como um movimento de resistência. Como colônia de exploração, o Brasil foi palco da escravidão dos povos africanos, essa prática era muito peculiar em países colonizadores europeus, usarem os negros do continente africano como mão de obra escravista em suas colônias. Esse ato era altamente lucrativo para os colonizadores. Um exemplo desses lucros foram os números de tráfego dos navios negreiros portugueses e brasileiros, eles fizeram mais de nove mil viagens com escravos vindos da África, e cerca de 4,8 milhões de africanos foram chegaram ao Brasil nesses navios e outros 670 mil morreram no caminho, rendendo milhões para a coroa portuguesa.

Segundo Domingues (2008) como o advento da abolição da escravidão em nosso país no ano de 1888 um ano após a proclamação da República. A política que era vivida não promoveu direitos significativos para a população negra. Após a abolição, ela promoveu a marginalização desse povo. Como forma de reagir a essa marginalização importa politicamente nos primeiros anos da República velha, ocorreu uma organização de grupos com negros libertos, ex escravos e seus familiares, ao quais se organizaram e criaram o Movimento Negro Organizado. Esse movimento compreende como a primeira fase do Movimento Negro no Brasil sendo de 1889 no período da República Velha até 1937, durante o Estado Novo (DOMINGUES, 2008)

COMO AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICS SÃO UTILIZADAS PELO MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

Perceber que a cidadania representa um compromisso da sociedade e que, mesmo com suas especificidades, vivemos todos no mesmo plano e que os fenômenos sociais afetam direta ou indiretamente a todos e, por isso, devem tornar-se ponto de interesse de toda sociedade, são fundamentais para a compreensão da relevância dos movimentos sociais na atualidade.

O contexto mundial contemporâneo nos mostra uma rede complexa de atores sociais incumbidos de particularidades que tornam crescentes os conflitos, as desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais, a partir, das contradições existentes, estimuladas pelas transformações de um modelo político neoliberal, impulsionado por uma globalização perversa.

Em oposição a esse modelo, percebemos a formação de grupos de resistência, com a perspectiva de enfrentamento a dominação, por, e, a partir de projetos alternativos que contestam a ordem global, onde diversos segmentos da população a nível mundial, o percebem sem o deslumbramento alimentado pelos grandes grupos hegemônicos, mas, através, de uma fundamentação crítica, que estimula as pessoas a lutarem por sua inserção nos espaços de poder na luta contra a privação de seus direitos.

Nesta perspectiva percebemos o papel dos movimentos sociais, cada vez mais presentes nas questões sensíveis a transformação da sociedade. Com isso, identificamos os movimentos sociais e suas distintas formas de associativismo civil e dos diversos sujeitos, como na definição de Scherer – Warren (1999, p.15), onde os movimentos sociais são como uma categoria ampla de “práticas sociopolítico-culturais”, levando a diversas redes de relações em busca de transformações.

Através desta análise, e dos cenários de desigualdade e luta no Brasil enfrentados pelo movimento negro buscamos compreender o uso das tecnologias de informação e comunicação como instrumento de resistência e organização de redes sociocomunicacionais de pensamento e ativismo, tendo em vista a construção e visibilidade públicas do pleno gozo da cidadania de afrodescendentes.

A partir desta premissa, e da relevância do movimento negro para o processo de transformação social, tornou-se fundamental perceber como a utilização das novas tecnologias evoluem de ferramentas de comunicação para técnicas sociais como, “ quando inseridas nas atividades sociais, nas formas de sociabilidade, ou melhor, no jogo das forças sociais” (IANNI, 1999, Pg.20). O que promove seu fortalecimento e abrangência como meio de organização e de luta, estabelecendo mudança e controle num mundo que se interliga numa rede sistêmica.

No Brasil, ser negro, identificar-se como negro ou ser chamado de negro, representa ter sua origem correlacionada a movimentos de resistência ou a prática da escravidão a mestiçagem

e a elementos que indicam a superação das formas de vida oferecidas pelo segregacionismo ofertado pelas elites de nosso país.

Como forma de luta e de busca por alternativas trazidas a luz da emergência pelo movimento negro contemporâneo, temos as novas formas de organização em rede como na perspectiva de CASTELLS, em que através das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, encontraremos um instrumento de reestruturação social.

Perceber as formas de manifestação realizadas por lideranças negras no Brasil não é novidade, desde o Séc. XVIII, identificamos a divulgação de manifestos e a utilização de jornais como formas de promoção da luta das comunidades negras, como alternativa ao enfrentamento das práticas exploratórias e segregacionistas, vigentes ao longo da história.

No decorrer do tempo deparamo-nos com novos atores, promotores dos ativismos sociais e com eles o desenvolvimento de novas estratégias de reconhecimento e promoção dos direitos e da luta dos negros no Brasil, sobretudo, a partir, das mídias de comunicação, sejam as associadas a grandes grupos privados ou públicos de televisão, rádio, jornal e com grande Instagram e todas as formas fontes disponíveis, a fim de, tornar visível os aspectos da vida e das lutas dos Afro-brasileiros.

O dado pela comunidade negra as novas tecnologias na busca da construção de uma cidadania comunicativa, pode ser observada pela apropriação da internet como difusora de estratégias e ações políticas de comunicação, a exemplo do que vem sendo realizado por outros movimentos sociais, organizados em rede, tal qual, o movimento negro. Promovendo uma ruptura na estética, linguagem, nos modos de gestão e produção das ações coletivas e individuais, por e, a partir, destas novas mídias.

O processo de expansão do uso da internet provocado pela popularização do acesso, abriram caminho para o direcionamento de esforços do movimento negro ao uso de ambientes virtuais para dar voz e vez ao debate sobre as relações étnico-raciais e prover de modo amplo, ações de formação cidadã, com as populações afrodescendentes e, com toda população brasileira de forma geral.

Tal fato, resultou no crescimento do engajamento coletivo e individual da sociedade e dos atores sociais nas lutas pela democratização dos direitos no Brasil.

Ao percebermos a proliferação das múltiplas plataformas digitais impulsionando a visibilidade da pauta do racismo, essencial para muitos e inoportuna para alguns. Mesmo sofrendo ataques, mas, desta vez, virtuais, os diversos grupos que constituem o movimento negro resistem junto a tensão liberdade-controle da internet, objeto de reflexão por Castells,

As redes de Internet propiciam comunicação livre e global que se torna essencial para tudo. Mas a infraestrutura das redes pode ter donos, o acesso a elas pode ser controlado e seu uso pode ser influenciado, se não monopolizado, por interesses comerciais, ideológicos e políticos. À medida que a internet se torna a infraestrutura onipresente de nossas vidas, a questão de quem possui e controla o acesso a ela dá lugar a uma batalha essencial pela liberdade. (CASTELLS, 2003, p. 226).

Os impactos causados pelo avanço do debate a respeito das relações étnico-raciais na sociedade contemporânea no Brasil, as próprias mídias digitais usadas com o auxílio da internet, não tem escapado das investidas de cunho racista, demonstrando a tentativa de enfraquecimento dos militantes da causa negra.

É indiscutível que a internet tenha promovido uma ruptura do modelo de comunicação unidirecional. Sua sistematização em rede possibilita a interação dos mais diversos usuários, que por sua vez, também produzem informação, criam e praticam o debate, Castells, afirma que, “o fato de ser uma comunicação horizontal, de cidadão a cidadão, significa que eu posso criar meu próprio sistema de comunicação na internet, posso dizer o que quiser, posso comunica-lo” (CASTELLS, 2003, Pg. 285).

Deve-se frisar que o fato de um conteúdo estar disponível na internet não garante a difusão da informação para um grande número de pessoas, outro ponto é a própria oferta de acesso aos mais pobres, transbordando a desigualdade de acesso ao mundo digital.

Muitos autores a exemplo de Ladavéze (2017), não acreditam que as tecnologias de informação e comunicação produziram uma ruptura cultural, nem a inserção de uma nova fase para a democracia, com atuação direta dos cidadãos, sobre isto, o autor diz “ tanto ao serviço dos democratas como dos totalitários, da participação cidadã como do terrorismo camuflado na rede, não modifica a natureza do poder político, mas os cursos para acender ao poder, controla-lo ou democratizá-lo” (LADEVÉZE, 2017, Pg. 148).

Entretanto, autores como Amaral (2013), apresentam grande entusiasmo em relação ao uso da rede digital, ele chega a afirmar que a mesma representa o mais importante órgão da

imprensa, dado a possibilidade de se sobrepujar ao controle ideológico, demonstrando um caráter heterogêneo nas opiniões expressas, algo que difere da imprensa tradicional.

Devemos perceber que mesmo na atualidade, com a utilização das TICs, vivemos em um modelo de sociedade de classes, onde “ o ciberespaço não existe deslocado do mundo material e que a infraestrutura lógica e física da maioria das redes está sob o controle das mesmas pessoas e empresas que controlam o capital” (SOARES, 2007, Pg.70).

Faz-se necessário reconhecermos que as redes sociais no espaço digital constituem importantes ferramentas que permitem a criação de conteúdo e transmissão de bens culturais. Contudo, esses conteúdos “ não determinam a qualidade dos produtos nem a aceitação dos consumidores de redes ou de outros meios de comunicação de massa, sejam leitores, telespectadores ou ouvintes” (LADEVÉZE, 2017, Pg. 148).

Também, se percebe, que o apoio atingido pelo conteúdo produzido pela internet, detêm caráter antissísmico e enfrenta dificuldades para mobilizar novos grupos sociais, que não aqueles já mobilizados ou ligados de alguma forma a rede mobilizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação permeia as relações de toda a sociedade constituindo-se num elemento básico no processo de reprodução e produção social. As novas tecnologias associadas a comunicação, como o jornal mural, a imprensa negra, o rádio, a televisão, o cinema e, mais recentemente, a internet, tornam possível a expansão da compreensão de ideias políticas e culturais, a fim de, estimular a formação de uma opinião pública voltada a construção de um consenso democrático.

Ao associarmos os usos combinados e complementares dessas tecnologias, os ativistas do movimento negro promovem novas orientações e práticas de gestão comunicacional que colaboram com a criação e distribuição de conteúdos como instrumentos de combate e denúncia das situações de discriminação e desigualdade racial, na busca de novas representações para os afro-brasileiros.

Assim, a internet, através, das redes sociais e outras ferramentas, tem contribuído de maneira fundamental para o escoamento de ideias e no redirecionamento das esferas de opinião pública. Apropriada pelos movimentos sociais, tornou-se uma importante estratégia para a construção de espaços de informação que antagonizam a hegemonia vigente, como prática de enfrentamento e resistência.

Ao passo que, essas estratégias de comunicação de validam o movimento é conduzido a ampliação do acesso e atuação dos afro-brasileiros na gestão e produção de espaços de comunicação próprios, consolidando-se como espaços de debate sobre as desigualdades enfrentados pelos negros no Brasil, acabam, também, tornando-se um ambiente para a experimentação e promoção da igualdade racial e comunicativa pela capacitação da população afrodescendente para uso das tecnologias da comunicação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. A grande rede e a explosão das ruas. In: SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo (Orgs.). **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 8-12.
- AMMANN, S.B. 1991. **Movimento popular de bairro: De frente para o Estado, em busca do Parlamento**. São Paulo: Cortez.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.
- BEER, Max. **História do socialismo e das lutas sociais**. Expressão Popular, 2007.
- CABRAL, Augusto Antonio Campelo; DE SÁ, Alcindo José. **Os movimentos sociais urbanos e suas manifestações concretas no Brasil e no Recife: síntese retrospectiva**. Revista de Geografia (Recife), v. 26, n. 3, p. 201-229, 2010.
- CASTELLS, M. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. Internet e Sociedade em rede. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- COGGIOLA, OSVALDO. **Os inícios das organizações dos trabalhadores**. Revista Aurora, v. 3, n. 2, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos.** Dimensões, n. 21, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo. **A cidadania entre os romanos.** In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** Edições Loyola, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Lamparina, 2021.

HOFMANN, Werner. **A história do pensamento do movimento social dos séculos 19 e 20.** Tempo Brasileiro, 1984.

LADEVÉZE, L. Em defesa da comunicação pública. Entrevista concedida a BERNARDES, F. Brasília: FAC livros, 2017, P. 143-148

LINS, Lucicléa Teixeira (orgs.). **Educação Popular e movimentos sociais: experiências e desafios.** Fortaleza: Imprece, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice-o social e o político na pós-modernidade.** Leya, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos em cena.. e as teorias por onde andam?. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/movimentos_em_cena.asp?f_id_artigo=385> Acesso em: 02 jun. 2021. p. 6.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** Cortez editora, 2017.

SOARES, D. Q. A reestruturação produtiva e as políticas públicas de inclusão digital no Brasil hoje: o caso Proinfor. 2007. 165 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. Maranhão, 2007.